



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**RAQUEL ALVES PEREIRA**

**REFORMA DO NOVO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DAS CAMPANHAS OFICIAIS  
DO GOVERNO FEDERAL.**

**GUARABIRA  
2020**

RAQUEL ALVES PEREIRA

**REFORMA DO NOVO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DAS CAMPANHAS OFICIAIS  
DO GOVERNO FEDERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para a Obtenção de grau de Licenciado em História.

**Orientadora:** Profa. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes.

**GUARABIRA**

**2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436r Pereira, Raquel Alves.

Reforma do novo ensino médio [manuscrito] : análise das campanhas oficiais do Governo Federal / Raquel Alves Pereira. - 2020.

23 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes , Coordenação do Curso de História - CH."

1. Reforma do ensino médio. 2. Campanhas publicitárias.  
3. Protagonismo. I. Título

21. ed. CDD 372.7

RAQUEL ALVES PEREIRA

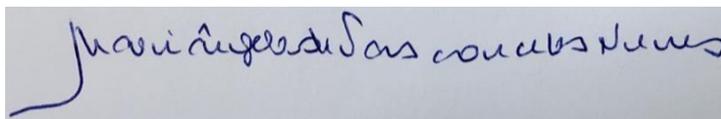
REFORMA DO NOVO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DAS CAMPANHAS OFICIAIS DO GOVERNO FEDERAL.

Trabalho de Conclusão de Curso ou Tese ou Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 24/ 11/ 2020.

**BANCA EXAMINADORA**



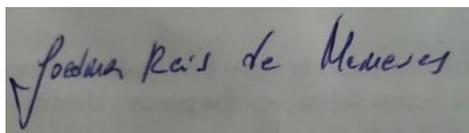
---

Profa. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Joedna Reis de Menezes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	O novo ensino médio 01 .....	08
Figura 2 –	O novo ensino médio vai ser mais estimulantes e compatível com a sua realidade! .....	09
Figura 3 –	Com o novo ensino médio você pode decidir o seu futuro! .....	13
Figura 4 –	O novo ensino médio vai melhorar a educação dos jovens! .....	15
Figura 5 –	Com o novo ensino médio, você tem mais liberdade para escolher o que estudar! .....	17

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. A REFORMA NAS PROPAGANDAS OFICIAIS .....	6
2.1. O conhecimento desnecessário na sociedade neoliberal .....	8
2.2. Para o notório saber e o Itinerário técnico e profissionalizante, “outra juventude” .....	10
2.3. A ideia da liberdade e o apagamento do preconceito étnico e cultural .....	12
2.4. O aumento da condução de condutas na escola de tempo integral .....	13
3. A REFORMA COM BASE NAS EXPERIÊNCIAS DE OUTROS PAÍSES. ....	14
3.1. A autonomia do aluno e a ausência do professor nas propagandas oficiais .....	15
3.2. Protagonismo e o discurso de liberdade no projeto educacional neoliberal .....	16
3.3. Artimanhas de convencimento: Pessoas influentes nas mídias digitais aprovam o novo ensino médio .....	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. ....	20

# **Reforma do Novo Ensino Médio: Análise das Campanhas Oficiais do Governo Federal**

## **New High-School Remodeling: Analysis of Federal Government's Official Campaings**

Raquel Alves Pereira\*<sup>1</sup>

### **Resumo**

O texto objetiva discutir alguns desdobramentos da Lei nº13.415/2017, que trata da reforma do ensino médio, dando ênfase nas campanhas oficiais do Governo Federal, buscando entender os principais pontos do projeto educacional neoliberal para a montagem de um percurso que visa induzir alunos para a construção de identidades mais compatíveis com os discursos voltados a empregabilidade e, também, ao protagonismo individual do aluno. Foram analisadas seis campanhas publicitárias nos portais digitais do Ministério da Educação. Neste sentido, algumas leituras foram bastante relevantes, entre elas cita-se: Gicele e Cervi (2019), Andrade e Farias (2019), Dias (2018), Sibilia (2012), Freitas (2018), entre outras.

**Palavras-chaves:** Reforma do Ensino Médio; Campanhas publicitárias; Protagonismo.

### **Abstract**

The text aims to discuss some developments of the law nº 13.415/2017, which deals with the High School remodeling, emphasizing official campaigns of the Federal Government, seeking to understand the major points of the neoliberal educational project for the setting of a course that aims to induce students to the construction of identities that are more compatible with employability discourses and also the individual role of the student. Six advertising campaigns were analyzed on the digital portals of the Ministry of Education. Therefore, some readings were quite relevant, among them are mentioned: Gicele & Cervi (2019), Andrade & Farias (2019), Dias (2018), Sibilia (2012), Freitas (2018), among others.

**Keywords:** High-School Remodeling; Advertising Campaings; Protagonism.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – raquel\_curota@hotmail.com

# 1. INTRODUÇÃO

No ano de 2016 o presidente Michel Temer (2016-2018) promoveu a Reforma do Ensino médio, dando urgência no projeto através da Medida Provisória-MP de número 746. Essa Reforma já vinha sendo protelada pelos últimos governos. Porém, Michel Temer fez alguns reajustes que iam de acordo com os interesses do capital financeiro. Por ser um projeto Neoliberal, fica marcado o deslocamento do poder do capital industrial para o capital financeiro, atribuindo uma importância ainda maior para iniciativas privadas. (CERVI, SANTOS, 2019).

<sup>2</sup>A lei 13.415/17 instituiu o novo ensino médio e promoveu alterações significativas neste nível escolar. De acordo com o Governo Federal, os principais pontos da Reforma são: a flexibilização do currículo, que permite ao aluno dirigir seus estudos à área de maior interesse considerando a obrigatoriedade do itinerário técnico e as disciplinas de português e matemática, a escola em tempo integral, o ensino técnico e a autorização para professores com o notório saber ensinarem na área técnica e profissional.

Ademais, as políticas públicas educacionais estão cada vez mais ligadas a necessidades da economia, percebe-se o sério problema que a educação brasileira está vivenciando, pois ela está diretamente ligada ao mercado de trabalho. O Estado quer preparar os nossos jovens, basicamente, para atender as demandas do neoliberalismo e, ao mesmo tempo, diminuir o ingresso desses nas universidades públicas. Nesta perspectiva caberia ao setor empresarial conduzir com eficiência a educação, minimizando o papel do Estado. Neste cenário que a educação pública se volta praticamente para grupos mais pobres, percebe-se que não existe uma preocupação com a organização escolar, qualificação dos professores e condições de funcionamento das instituições. (Freitas, 2018).

## 2. A REFORMA NAS PROPAGANDAS OFICIAIS

Analisando alguns textos e propagandas oficiais do Governo Federal, encontramos uma “série de estratégias de discursos destinadas a mascarar a existência das relações de classe” (BEZERRA, FARIAS, 2019, p.19, apud PÊCHEUX, 2014 [1979], p. 87). Esta perspectiva sobre as campanhas publicitárias do sistema político e o seu funcionamento reflete na atual conjuntura política do Brasil. Os discursos oficiais usaram de recursos midiáticos como o Facebook, Youtube, revistas, propagandas televisivas e páginas institucionais para conduzir os estudantes à adesão do Ensino Médio. Segundo Bezerra e Farias (2019):

Desse modo, a prática discursiva estatal interfere na constituição discursiva e política dos sujeitos, já que a antecipação dos efeitos que serão produzidos para aqueles inscritos na posição ocupada pelo sujeito povo ressoa na interpelação-identificação dos sujeitos, fazendo com que se constituam, se individuem e se identifiquem tomando posições referentes à <sup>3</sup>FD estatal. (BEZERRA, FARIAS, 2019, p.20).

---

<sup>2</sup> Este trabalho traz as perspectivas estudadas no projeto de extensão, cujo título é: Política Educacional e Contrarreforma: O Novo Ensino Médio no Brasil (lei nº 13.415/2017). Orientado pelas professoras Dr.<sup>a</sup> Mariângela de Vasconcelos Nunes e Me. Lívia Maria Serafim Duarte de Oliveira do CH/UEPB.

<sup>3</sup> Formações Discursivas.

Toda a produção de discursos nas campanhas publicitárias oficiais está implicada na construção de identidade (COSTA, p. 138), buscando disseminar e, ao mesmo tempo, construir um consenso. À vista disso, precisa-se entender: Quais identidades o Governo procura desenvolver? Através de que métodos e espaços o poder se exercita?

Para Costa (2002), o discurso e toda sua teoria em torno da escola, ensino, pedagogia e currículo, acaba constituindo um conjunto discursivo e saberes que, ao explicar como funcionam, o que são, constituem um significado, e o tal está diretamente ligado a produção de subjetividades, como já dito no texto acima.

Bezerra, Farias (2019, p. 21, apud ARENDT, 2007, p. 432) nos relata que, para que a propaganda obtenha sucesso, ela precisaria estar diretamente fundamentada em recursos que utilizem meios para estimular o comportamento. A publicidade é um mecanismo de controle, sendo mais plausível governar pelo emocional. Entretanto, as táticas estatais utilizadas provocam reações que podem gerar um lugar de afinidades e promover engajamento social através do consenso.

A evolução das novas tecnologias, centradas na comunicação de massas e na difusão de conhecimento, ainda não está plenamente no ensino. Em 1969, a aprendizagem educacional à distância, baseada pela internet, era uma grande novidade para o século XX. A educação é operada pela linguagem escrita e a nova cultura seria agora impregnada por uma outra linguagem, a da internet. Com os avanços tecnológicos, está mais acessível e a gosto dos jovens, ou seja, a juventude consome esses novos dispositivos e, de certa medida, provavelmente, elas foram canalizadas para difundir essa propaganda, justamente por que os jovens estão conectados a ela. Por estarem sempre interligados a novas tecnologias, estão também sendo controlados e interpelados por ela. Por isso, os discursos para propagar o projeto do Governo usam-se dessas tecnologias, pois a cultura audiovisual é vista como uma ferramenta sedutora para nova geração. (GODOTTI, 2000).

Sibilia (2012), ao falar sobre a crise da escola nas sociedades contemporâneas, mostra o avanço destes artefatos midiáticos na constituição de subjetividades infantis e juvenis, reforçando, portanto, a importância de tais dispositivos na educação e formação de opinião deste público.

De um modo geral, as campanhas publicitárias dirigidas pelo Estado, adquirem formas particulares como: apelo emocional, promessas, simplificação das informações e repetições de slogan. Sobre o efeito das campanhas publicitárias sob os consumidores, Bezerra e Farias dizem:

Com a propaganda assim estruturada, para a autora, descobriu-se que [...] o seu público estava sempre disposto a acreditar no pior por mais absurdo que fosse sem objetar contra o fato de ser enganado, [...] era possível fazer com que as pessoas acreditassem nas mais fantásticas afirmações. (BEZERRA, FARIAS, 2019, p.21, apud, ARENDT, 2007, p.432).

No entanto, o uso de afirmações que falam e demonstram estarem preocupados com o bem estar social e com a educação, afetou os telespectadores e acionou seus desejos, ocultando outros aspectos que orientaram a reforma.

Todos os meios usados para informações são formas de controle que buscam prender os sujeitos a um ideal que o Estado configura e, como consequência, formar corpos e mentes ajustados e manipulados.

## 2.1. O conhecimento desnecessário na sociedade neoliberal

Figura 1 – Captura de tela do vídeo “NOVO ENSINO MÉDIO 01”



Fonte: YOUTUBE (2017)

Uma das propagandas estudadas e analisadas foi “O novo ensino médio 01 - 02”, publicado pelo Ministério da Educação – MEC em 06 de junho de 2017 no Youtube. O cenário para a apresentação da reforma é feito nas ruas, com poltronas nas calçadas, a fim de mostrar que o Governo está indo em busca das pessoas para apresentar como o remodelamento será determinado no âmbito escolar. Neste diálogo entre jovens e um adulto (uma figura recorrente que representa no imaginário dos estudantes uma pessoa que tenha mais experiência), busca explicar o que vai mudar. Um dos diálogos que mais chama atenção é quando uma aluna diz que ainda não sabe que profissão seguir e lhe é explicada que, neste momento, não se faz necessário a escolha da profissão, e sim, a área em que deseja estudar. No entanto, existem questionamentos. Ora, para saber a profissão que se quer escolher, necessita-se de conhecimentos de várias áreas e, a partir desse ponto, optar com qual mais se identificou. Todavia, a fala do adulto é usada para aguçar o imaginário dos estudantes, produzindo assim um efeito de consenso.

Neste sentido, outra propaganda evidencia de forma objetiva a presença de disciplinas no currículo como desnecessárias para os alunos, visto que não tem vínculo com suas predileções.

Figura 2 – Captura de tela do vídeo “O Novo Ensino Médio vai ser mais estimulante e compatível com a sua realidade!”



Fonte: YOUTUBE (2017)

A propaganda do Ministério da Educação, publicada em 04 de janeiro de 2017, no Youtube, tem como ponto de argumentação: “melhorar a educação dos jovens é uma das tarefas mais importantes e urgentes do Brasil.”. Neste cenário, há duas meninas em uma lanchonete, argumentando que precisam começar a estudar, pois tem muitos assuntos para dar conta. E sua amiga responde: “Ah, amiga, eu não acho justo ser obrigada a estudar um monte de coisa que não tem muita ligação com o que eu desejo pro meu futuro, pra minha vida.” Neste caso, a estudante pretende demonstrar aos demais que não é necessário um estudo sobre as diferentes áreas, e sim que necessitam apenas do conhecimento da área que escolherem seguir.

Voltando para a primeira propaganda mencionada nesse item, observa-se outro ator, representando um aluno, perguntando se continuará estudando História, Geografia e Filosofia, e o adulto responde que sim, pois a Base Nacional Comum Curricular – BNCC contemplará todas essas disciplinas, podendo ainda ser escolhido uma área de conhecimento.

De acordo com o site Educa+Brasil, em abril de 2018 o MEC entregou ao Conselho Nacional de Educação –CNE a última versão da <sup>4</sup>BNCC, o documento define que a carga horária do novo ensino médio terá o total de três mil horas. Dessas, no máximo 1.800 serão destinadas ao currículo comum e 1.200 aos itinerários formativos. Apenas as disciplinas de português, matemática e língua inglesa serão obrigatórias nos três anos de curso, tendo a BNCC como referência.

Entretanto, todas as áreas, sem exceção, são de suma importância para o desenvolvimento e aprendizagem de todos os alunos. Pois, para que nossos estudantes estabeleçam melhor seus objetivos e façam suas escolhas futuras, eles

---

<sup>4</sup> A BNCC define um aumento gradativo da carga horária do Novo Ensino médio, com o total de três mil horas oferecidas ao longo dos três anos e será obrigatório até 2022. Segundo a Lei nº 13.415/2017, depois de 2022, a carga horária irá avançar. Todavia, são obrigatórios da Base apenas e no máximo 600 horas anuais, podendo inclusive ser menos, conforme possibilidades de cada escola.

necessitam dialogar com todas as áreas do conhecimento e posicionar-se frente aos caminhos que querem seguir, o que inclui escolhas profissionais. Porém, caberá a cada Estado e Município organizar seu currículo escolar, mediante as suas possibilidades.

A não obrigatoriedade de disciplinas como História, geografia e Biologia no currículo, reforça ainda mais a hierarquia entre as áreas. Na disciplina de História, por exemplo, pode ser oportuno para formar jovens autônomos, protagonistas e autossuficientes na perspectiva do projeto neoliberal, legitimando o discurso da meritocracia e afastando os jovens de posturas mais questionadoras frente a sociedade

Pois, para Dias (2018), o aluno precisa se perceber como sujeito histórico, sendo um agente que entende, reflete e se posiciona sobre o mundo que o cerca, compreendendo suas experiências individuais, como também coletivas, as quais está inserido. “O sujeito histórico, que se configura na inter-relação complexa, duradoura e contraditória entre identidades sociais e pessoais, é o verdadeiro construtor da história”. (DIAS, 2018, p.57, apud BEZERRA, 2010, p.45). E o estudo da História no ensino médio pode contribuir neste sentido.

A história, como disciplina escolar, integra o currículo do ensino brasileiro desde o século XIX. Sua presença, considerada <sup>5</sup>fundamental para a formação da cidadania, foi gravemente ameaçada no período da Ditadura Militar, quando se deu a diluição da história na Instituição de Estudos Sociais. A medida provisória n.º 746/16, aprovada pelo Congresso Nacional, que instaura a reforma do ensino médio, comete grave equívoco ao omitir do texto legal qualquer referência à disciplina, e, principalmente, ao excluí-la da relação de componentes curriculares obrigatórios, instalando fortes incertezas sobre a presença da história nesse nível de ensino [...] (DIAS, 2018, p.55, apud Anpuh, s/d).

## **2.2. Para o notório saber e o Itinerário técnico e profissionalizante, “outra juventude”**

Andrade e Souza (2020, p.02, apud GRACIOLI, 2016) dizem que a juventude é uma etapa da vida com pouca identidade, pois corresponde a uma fase intermediária entre o ser jovem e o ser adulto com obrigações e funções mais sérias. Entretanto, as políticas públicas defendem que devem orientar as trajetórias educacionais destes. E, com isso, estabelecem a formação com foco no mercado de trabalho e também ao atendimento dos interesses capitalistas. Porém, Andrade e Souza (2020, p.42, apud, Krawczyk e Ferretti, 2017, n.p) apontam outra compreensão, e defendem a necessidade de direcionar o estudo de outra forma, não somente conduzir uma formação direcionada para o mercado de trabalho, mas também, que haja uma possibilidade de uma inserção crítica na sociedade a qual pertence, permitindo que os mesmos cresçam e se construam politicamente. É relevante destacar aqui como, para os discursos oficiais, o conceito de juventude está marcado pela posição social a qual os jovens pertencem. Os sentidos diferentes podem ser percebidos em projetos diferentes de educação. Segundo Andrade e Souza (2020):

---

<sup>5</sup> Desde que a disciplina de história foi colocada como optativa, houve uma oposição dos historiadores. A Associação Nacional de História (Anpuh), tem se posicionado evidentemente contra, As professoras Maria Helena Rolim Capelato e Lucília de Almeida Neves Delgado, presidente e vice-presidente da Anpuh, postaram uma nota contra a reforma, que também foi enviada ao ex-presidente Temer.

Observa-se que as políticas públicas estabeleceram diferentes projetos para a educação das elites e para os mais pobres, vide o que destaca Campelo (2017) que desde 1930, com a criação do Ministério da Educação e Saúde, várias reformas educacionais passam a ocorrer, como a instituição do ensino profissionalizante para as classes menos favorecidas. (ANDRADE, SOUZA, 2020, p.42).

Nos governos militares já se utilizava a visão utilitarista do ensino, com foco na formação voltada para o trabalho, que passou a priorizar disciplinas, respeito, regras e deveres, e ser condicionante à parte diversificada do currículo (ANDRADE e SOUZA, 2020, p.42, apud, NASCIMENTO, 2017, n.p). Este panorama não priorizava as disciplinas que valorizavam as competências críticas e reflexivas, mas sim, um conhecimento pragmático, direcionado para a ocupação de uma vaga de emprego.

É a partir deste entendimento sobre a juventude, notadamente, economicamente mais pobre que a Reforma instituiu um Itinerário voltado para cursos técnicos e profissionalizantes. Em tese, estes seriam capazes de promover a formação técnica dos estudantes aproximando-os do mercado. Todavia, especificamente neste caso, é completamente apagado do discurso oficial a desabilitação e desqualificação dos profissionais que devem ministrar os componentes curriculares dos cursos profissionalizantes. Profissionais sem formação superior estão autorizados a ensinar pelo menos no itinerário técnico e profissionalizante. Desta forma, este será privado de enfoques teóricos e práticos mais sofisticados. Todavia, esse aspecto é ocultado nas campanhas publicitárias que, ao contrário, exaltam a capacidade dos professores. (ANDRADE E SOUZA, 2017).

A revista Educação publicou em maio de 2017, parte de uma palestra intitulada “A reforma do ensino médio”, que foi ministrada por Sylvia Gouvêa, membro do Conselho Estadual da Educação de São Paulo, e Cláudia da Paz, representante do MEC. Na sua fala, aquela palestrante defendeu que as escolas, inclusive as particulares, comecem a fazer as adaptações e não esperem a lei entrar em vigor. Gouvêa defendeu a ideia dos itinerários formativos e o investimento na formação técnica, ainda acrescentou que nem todos os alunos tem vocação acadêmica, mas acabam seguindo o caminho tradicional para o ensino superior por incentivo dos familiares e também da escola, visto que o “Brasil já tem doutores demais”. (GOUVÊA, 2017).

Todavia, tal informação pode ser questionada. Pois, de acordo com Jornal O Globo, em pesquisa publicada em 2019, o <sup>6</sup>Brasil tem a quarta menor taxa de pessoas entre 25 e 64 anos que possuem doutorado, o que corresponde a 0,2% da população brasileira, superando apenas o México e a Costa Rica. Essa deficiência do Brasil está presente na educação. A dificuldade no acesso à universidade e a baixa taxa de conclusão causam o gargalo que faz com que os títulos de mestres e doutores sejam raros entre os brasileiros. Com esta modificação educacional, a taxa pode cair ainda mais, pois o intuito é formar estudantes para a vida adulta, esquecendo sua formação superior.

Porém, o que chama atenção na fala da palestrante já mencionada, não é apenas os seus prováveis equívocos, mas o caráter pragmático e praticista desta reforma, que, embora prometa “superar a crise do Ensino Médio,” literalmente não investe na habilitação adequada dos docentes. Estes, no caso do itinerário

---

<sup>6</sup> Na pesquisa feita pelo Jornal O globo, toma por base dados da OCDE, que também afirmam que os problemas do Brasil na formação acadêmica já iniciam na graduação. De acordo com o estudo, apenas 21% dos brasileiros de 25 a 34 anos têm diploma de ensino superior.

profissionalizante, podem ser apenas um técnico ou uma pessoa considerada com notório saber.

### **2.3. A ideia da liberdade e o apagamento do preconceito étnico e cultural**

Em uma das cenas uma aluna negra relata como o alunado está abraçando a reforma e explica aos demais o quanto vai ser vantajoso este novo formato, de acordo com a sua fala:

O mais importante é que vamos ter a liberdade de escolher entre quatro áreas de conhecimento, pra podermos nos aprofundar nos estudos, né? Tem linguagens, matemática, ciências humanas ou ciências da natureza. Tudo de acordo com os meus sonhos e o que eu desejo pro meu futuro!

Como já foi pontuado, as falas oficiais usaram mecanismos que levasse a criar vínculos com o enunciado, acreditando no poder das suas escolhas e no seu protagonismo. Entretanto, percebe-se nesta fala que aparece uma menina negra e, ao mesmo tempo, a ausência de referências que remetam à efetivação de propostas que valorizem e respeitem a diversidade cultural e étnica. A aluna negra mostra-se seduzida pelas falsas escolhas e não pela presença de possíveis políticas curriculares que possam promover o respeito entre as diferentes culturas. Tal aspecto foi silenciado, mesmo quando a protagonista da cena era uma garota negra. Neste caso, cabe apenas tentar seduzir um público jovem que comunga com a garota a cor da pele, o cabelo, entre outros traços estéticos, apagando questões importantes como o preconceito e a busca pelo respeito e alteridade.

O mais irônico é que, no ano de 2003, o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva decretou a lei n.º 10.639/03, estabelecendo uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, ao definir a obrigatoriedade do ensino história e cultura afro-brasileira nos currículos das redes escolares. Em 2008 ocorreu outra reformulação no currículo, visto na lei n.º 11.645/08, que acrescenta o ensino indígena, passando a estudar história e cultura afro-brasileira e indígena. (DIAS, 2018). Estas leis buscavam incluir aspectos de dois grupos que formam a nossa sociedade e que são extremamente discriminados.

Todavia, nenhuma destas conquistas foram mencionadas para seduzir jovens negros, que são diariamente vítimas de preconceito.

## 2.4. O aumento da condução de condutas na escola de tempo integral

Figura 3 – Captura de tela do vídeo “Com o Novo Ensino Médio você pode decidir o seu futuro!”



Fonte: YOUTUBE (2017)

Dando continuidade à análise dos textos midiáticos, temos “O Novo Ensino Médio vai melhorar a educação dos jovens!”. Neste segundo vídeo aparece um garoto negro explicando aos seus pais sobre a reforma que está passando na TV, o mesmo é questionado pelo seu pai se esse ensino médio “é pra já?” E o mesmo responde: “Sim pai, não dá mais para esperar. Tem muito jovem fora da escola.”

Ora, sabemos que a escola pública é direcionada a alunos de classe média baixa e que um dos pontos da remodelação é de ensino em tempo integral. Todavia, é sabido que parte dos alunos que estudam na escola pública necessitam de emprego para conseguir sustentar suas famílias, e o estudo, infelizmente para alguns, vem em segundo lugar.

Mas uma das mudanças no novo ensino médio é a jornada de tempo integral, partindo desse pressuposto, questionamos: quais os jovens que poderiam ingressar em tempo integral nos estudos, mesmos que este os ensinasse habilidades técnicas nas escolas?

São perguntas ainda recentes e sem muitas respostas, pois o novo ensino médio ainda não entrou em vigor em todas as instituições de ensino, mas servem de reflexão sobre o futuro da educação brasileira. Mesmo que o discurso mostre aos jovens que buscam por emprego, uma possibilidade de se habilitarem tecnicamente, isto não é garantia de emprego. Ainda mais em uma sociedade capitalista em crise devido ao desenvolvimento e avanço das tecnologias que gerou a substituição da mão de obra por tecnologias extremamente sofisticadas: a automação.

A permanência durante o dia inteiro na instituição escolar pode ser vista como um dispositivo para disciplinar, controlar, e ensinar valores compatíveis com a sociedade neoliberal. Nesse contexto, as políticas educacionais acabam adotando discursos de empregabilidade, procurando reestruturar o currículo de uma maneira que torne os cidadãos condizentes com as demandas da sociedade contemporânea. (Ramos e Silveira, 2018)

Na perspectiva do neoliberalismo, a educação deve ajustar-se a valores que remetam a competição. “No mundo neoliberal, a finalidade educativa da escola é vista como uma ‘oportunidade’ que o aluno tem para ‘competir’ – independente das suas condições de vida. Ele deve ser ‘resiliente’ na adversidade, pois daí advém o mérito”. (FREITAS, 2018, p.114).

Segundo essa lógica, em um cenário competitivo, as pessoas precisam de oportunidades para competir por uma posição melhor na sociedade. São defendidos valores que pregam a ideia de que a conquista de uma vida melhor depende da força de vontade de cada indivíduo, aproveitando oportunidades para se tornarem jovens empreendedores de seus negócios e de suas vidas.

### **3. A REFORMA COM BASE NAS EXPERIÊNCIAS DE OUTROS PAÍSES**

No portal do MEC, no Facebook, podemos ver outro vídeo publicado no dia 28 de outubro de 2016, o personagem representando o aluno evoca os demais estudantes. Em tom interrogativo e instigante, indaga e responde: “Jovem, sabia que o #NovoEnsinoMédio vai deixar o aprendizado mais estimulante e compatível com a sua realidade? Você decide o seu futuro!”. Pautado em um discurso Vocacional, o ator explica que o governo está realizando uma mudança baseada nas experiências de outros países, como: França, Portugal, Inglaterra. Nessa compreensão, trata-se de um programa já aprovado em países da Europa, considerados ricos e desenvolvidos. Assim, são acionadas experiências educacionais que, quase sempre, são vistas pelo senso comum como modelo a ser desenvolvido.

De fato, o Governo buscou inspirar-se, no caso do currículo, em experiências já vivenciadas em outros países, o que necessariamente não significa um modelo, visto que em países como EUA e Inglaterra as mudanças curriculares vêm colocando em risco a possibilidade de um currículo mais plural. Além disso, a realidade de cada país é diferente uma da outra. Segundo Paixão (2018):

No Ranking de Educação4 feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil ocupa a 35ª posição, penúltima colocação, acima apenas do México. Diante das problemáticas apresentadas na Educação brasileira e do contexto de polarização política, a Reforma do Ensino Médio foi anunciada por meio de uma Medida Provisória pelo Governo Federal, com o objetivo de tratar com “urgência” a questão da Educação no país (PAIXÃO, 2018, p.05).

Estes modelos educacionais propõem estabelecer um currículo mínimo no ensino médio baseado no modelo das competências, cujas disciplinas são definidas pela Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE, e respondem aos interesses mercadológicos. Entretanto, o currículo mínimo impede o exercício do direito ao conhecimento, comum a todos. (MORAES, 2017).

Seguindo com a propaganda do facebook, é comunicado que os estudantes só precisarão estudar conteúdo obrigatório definido pela BNCC e que as outras disciplinas são optativas, escolhas dos mesmos. No discurso oficial, as disciplinas de Português e Matemática são as mais importantes para a formação dos alunos.

Aqui cabe algumas inquietações que são apagadas na fala oficial: porque será que somente português e matemática são os mais importantes? Para ser um cidadão capacitado só devemos saber ler, escrever e contar? E a formação crítica e política de cada indivíduo? De acordo com Paixão (2018), no neoliberalismo a educação perde o seu caráter social e político, sendo absorvida agora como uma ferramenta

subordinada aos interesses mercadológicos. Os objetivos escolares agora são outros e a educação passa a ser um bem de consumo, sendo assim, não será destinada a todos. A educação não será mais um direito, mas, sim, um serviço.

Através desta reforma observamos o quanto o Estado se esforça para que educandos reproduzam a perspectiva de mundo dos grupos hegemônicos. Sobre este aspecto, Tadeu e Moreira (2005, p. 21, apud ALTHUSSER, 1983) dizem que a educação é um dispositivo em que a classe dominante dissemina suas ideias sobre o mundo social.

Para haver a reforma, não foi aberto diálogo com a população nem com o público-alvo, a proposta do remodelamento na educação investiu, basicamente, em campanhas publicitárias fortemente veiculadas na mídia convencional e redes sociais. Assim, a mídia funcionou como uma ponte entre estudantes e o discurso oficial. (PAIXÃO, 2018, p.05)

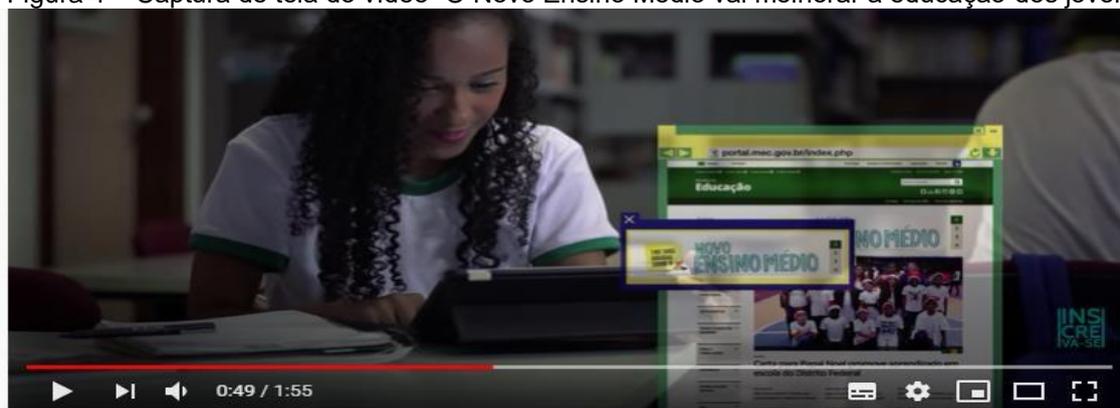
De acordo com Paixão (2018), a noção de crise aparece no discurso da reforma, por isso as propostas de mudança na educação são vistas como positivas pela sociedade. Entretanto, outras questões são estrategicamente silenciadas dos discursos oficiais, que buscam incessantemente mascarar aspectos extremamente críticos da reforma.

### 3.1. A autonomia do aluno e a ausência do professor nas propagandas oficiais

Apesar de extremamente sedutoras, as propagandas oficiais silenciam vários aspectos e reforçam a ideia de autonomia do aluno.

As propagandas e discursos oficiais divulgam que o estudante passa a ser o protagonista dos seus conhecimentos, tendo a liberdade de escolher aquilo que se quer estudar, mas a sua lógica é encontrada na apropriação de uma cultura neoliberal dentro da Educação.

Figura 4 – Captura de tela do vídeo “O Novo Ensino Médio vai melhorar a educação dos jovens!”



#NovoEnsinoMédio

O Novo Ensino Médio vai melhorar a educação dos jovens!

7.773 visualizações • 4 de jan. de 2017

81

33

COMPARTILHAR

SALVAR

...



Ministério da Educação  
99,6 mil inscritos

INSCREVER-SE

Fonte: YOUTUBE (2017)

Podemos observar na propaganda com o título de “O Novo Ensino Médio vai melhorar a educação dos jovens!” uma afirmação/exclamativa. É nesse tipo de frase

que o emissor exterioriza um estado afetivo. Feito diretamente para atingir o seu público alvo, o discurso é enunciado pelos discentes, que discutem amigavelmente sobre o seu futuro. De acordo com Paixão (2018), a cenografia apresentada na propaganda remete ao ambiente acadêmico, no qual aparece uma biblioteca, com o intuito de aguçar o alunado a sentir desejo de fazer parte deste modelo educacional.

Para que a mensagem seja completada, para que o enunciatário seja motivado a reconstruir o sentido, esse cenário deve estar intimamente relacionado ao universo de referências, traços e valores do seu interlocutor: sendo assim, as cores escolhidas, a modulação de voz, a linguagem dos gestos e olhares, o ambiente construído, os ritmos dos cortes das cenas, as relações intertextuais, enfim, os elementos que compõem a linguagem híbrida da publicidade, são planejados em termos de adequação ao público que se destina. (PAIXÃO 2018, p. apud, CASAQUI 2003, p.01).

Como estratégia discursiva, a campanha publicitária denota tal discurso por meio dos jovens, com o objetivo de tocar as minorias brasileiras, composta por alunos negros que necessitam ingressar rápido no mercado de trabalho para compor a renda.

Ainda considerando o cenário da biblioteca, espaço comumente associado ao saber e a figura de sábios, mestres e professores, indaga-se: onde eles estão? Qual o lugar do professor na reforma e, sobretudo, frente ao aluno autônomo?

De um modo geral, as reformas educacionais no Brasil são formuladas por profissionais de gabinete, academicamente qualificados. Mas serão acionadas na prática por professores que estão do outro lado, afastados das decisões políticas. Porém, ainda assim, estes mesmos profissionais é que estão na sala de aula, debatendo, vivenciando, criando estratégias de ensino mais compatíveis com a realidade dos alunos e os problemas vivenciados no espaço escolar.

A ausência destes atores reforça o caráter autoritário das políticas educacionais no Brasil e, de uma forma mais específica, a Reforma. Porém, contraditoriamente, os discursos oficiais quase sempre reforçavam a importância destes na educação brasileira. Todavia, é interessante perceber como, na atualidade, e notadamente, nas campanhas publicitárias, os professores foram basicamente invisibilizados, e o grande investimento volta-se para o aluno, mesmo quando o cenário é uma biblioteca, espaço comumente associado ao professor. Neste palco é propagado a perspectiva política do momento: A ideia de um aluno autônomo valorizando o protagonismo individual e a autonomia dele frente ao professor e à vida como um todo.

### **3.2. Protagonismo e o discurso de liberdade no projeto educacional neoliberal.**

As propagandas e discursos oficiais divulgam que o estudante passa a ser o protagonista dos seus conhecimentos, tendo a liberdade de escolher aquilo que se quer estudar, mas a sua lógica é encontrada na apropriação de uma cultura neoliberal dentro da Educação.

O discurso de liberdade é forte nas campanhas publicitárias, remete ao liberalismo clássico que surge no final do século XVIII, tendo como principal objetivo a defesa da liberdade do indivíduo e da limitação do poder estatal, que deve intervir o mínimo possível. São características facilmente identificadas no discurso sobre as liberdades em um regime liberal de estado. O Estado e o mundo do capital vêm buscando desobrigar-se frente aos sujeitos, incentivando-os a tornarem-se independentes e protagonistas das suas vidas, tanto no individual, quanto no social. (CERVI, SANTOS, 2019).

Figura 5 – Captura de tela do vídeo “Com o Novo Ensino Médio, você tem mais liberdade para escolher o que estudar!”



Fonte: YOUTUBE (2016)

Em uma outra campanha publicitária, adolescentes estão sentados no escuro em um teatro, um canhão de luz é direcionado a uma garota empolgada que se levanta e diz: “Eu escolho o que eu vou estudar? Então é claro que eu aprovo.”. Essa propaganda, igualmente às outras, visam difundir a ideia de liberdade de escolha, e omitem que o funcionamento do novo ensino médio depende de cada sistema escolar. Entretanto, o art. 36 diz:

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino. (BRASIL, 2017 – grifo dos autores, apud CERVI e SANTOS, 2019, p.09).

Diante disso, vemos a precarização da formação escolar dos estudantes, pois inaugura a possibilidade de as escolas não ofertarem todas as disciplinas, dificultando assim o ingresso de alunos oriundos de escolas públicas nas universidades públicas, pois exames como o ENEM continuarão exigindo o conhecimento de todas as disciplinas. O discurso oficial usa a campanha para fazer os alunos acreditarem que tem o poder de escolha, mas tiram deles a informação de que o poder de escolha é limitado ao que a instituição escolar pode oferecer. Imagine como ficarão os nossos educandos quando forem escolher, conduzidos os itinerários formativos de acordo com sua vocação, e a escola não puder oferecer o que eles querem estudar? Visto que não há obrigatoriedade que as instituições escolares ofereçam todos os itinerários, não haverá como todos os estudantes escolherem conforme suas preferências pessoais. (CERVI, SANTOS, 2019, p. 10).

Segundo Oliveira e Soares (2018, p.61, apud FAIRCLOUGH, 2016, p. 100), três aspectos constroem o discurso: primeiro, aqueles que contribuem para a

formação de identidades sociais, chamada de função identitária. Em segundo, os de relações sociais entre pessoas, chamada de função relacional. Por fim, os de sistemas de conhecimentos e crenças, chamada de função ideacional. Podendo afirmar que as práticas discursivas cooperam para sua reprodução na sociedade e a transforma. Essas três formas citadas, são vistas constantemente nas propagandas oficiais do Governo Federal, que as utilizam para conseguir fazer com que as pessoas entrem em consenso e apoiem sua ideia sobre a reforma.

Protasio (2019, p.95, apud Bourdieu, 1981, p. 138) sublinha que a “opinião pública não existe” e que o instrumento utilizado pelas ações políticas tem a função de ludibriar o receptor. Nessa perspectiva, no que diz respeito ao Ensino Médio, o Estado quer mostrar para os indivíduos que eles podem opinar sobre tudo o que compõe a sociedade, mas que, na verdade, é uma forma de legitimar sua política e reforçar as relações de poder.

As peças publicitárias veiculadas pelo MEC abordam, quase que exclusivamente, as mudanças estruturais do ensino médio. Nesse sentido, é de extrema importância olhar para os discursos, considerando suas estratégias usadas para promover a produção de sentidos dos sujeitos. Nessa concepção, cabe entender os discursos além do falado. Sobre isso, disse Protasio: “Certos sociólogos tentaram destacar o implícito não-verbal da comunicação verbal: dizemos tanto pelos olhares, pelos silêncios, pelos gestos, pelas mímicas, pelos movimentos dos olhos etc., quanto pela própria palavra.” (Protasio, 2019, p. 95, apud BOURDIEU, 1997, p.44).

Os comerciais, os rostos, os cenários, os diálogos e o ocultamento de informações buscaram construir uma ideia de que a reforma era consensual e fruto de desejo dos discentes. Entretanto, a reforma não se mostra <sup>7</sup>nova, mas apresenta aspectos que já estavam presentes em outras propostas excludentes, o que mostra uma conjuntura política regressista para os direitos sociais, e que pode agravar ainda mais a desigualdade social.

Voltando para análise das propagandas podemos perceber que, por um lado, a estratégia política tem sido construir uma imagem para o novo ensino médio, extremamente atraente para os jovens e afinada com os anseios atribuídos a juventude. Por outro, as ocupações secundaristas que tomaram conta das escolas mostram a presença de insatisfação em estudantes que resistem à reforma. (BRITO, 2018).

### **3.3. Artimanhas de convencimento: Pessoas influentes nas mídias digitais aprovam o novo ensino médio.**

Voltando às propagandas, uma outra forma de convencimento feita pelas autoridades públicas foi a utilização de pessoas tidas de sucesso pela mídia. O exemplo claro é a contratação de youtubers, como: Pyong Lee, Lukas Marques, Daniel Molo, entre outros. Publicado no site de notícias G1 em 2017, desfrutaram de mais uma artimanha através do canal “Você sabia?”. O MEC pagou 295 mil para vídeos de youtubers sobre a remodelação do ensino. O ministério da educação comunicou que era uma forma de estimular ainda mais a Reforma. Os influenciadores/youtubers em

---

<sup>7</sup> Em 1942 e 1946 Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde de Getúlio Vargas, iniciou dois tipos de ensino, através das Leis Orgânicas de Ensino. Para os alunos egressos das classes trabalhadoras, foram criados cursos técnicos normal, agrícola e comercial, em nível ginásial, havendo somente opções de ensino para o mundo do trabalho. No caso das elites, o ensino era de caráter propedêutico, iniciando no ensino primário e terminando no superior. (MAGALHÃES, 2006).

seu discurso, reforçam o posicionamento já defendido pelo MEC e defendem a importância da reestruturação do ensino.

Para Brito (2018), o marketing é a função primordial para que tenham capacidades de tornarem os sujeitos consumidores e capazes de usar e recriarem artefatos produzidos pela tecnociência. O sujeito é produzido como o indivíduo flexível, autônomo, criativo, inovador, livre e responsável pelas suas escolhas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabe-se que ainda existe uma educação desigual entre as escolas públicas e privadas, esta última está mais preparada para inserir os alunos no ensino superior, enquanto a pública oferece uma formação extremamente precária, deficitária dos discentes para a empregabilidade. No novo ensino médio, os estudantes são absorvidos em tempo integral em atividades de carga horária que os afastam dos programas de avaliação nacional das universidades e também não são preparados adequadamente para o mercado de trabalho. A reestruturação da educação, ao invés de diminuir as desigualdades, toma o caminho inverso através do “enxugamento do currículo já fragilizado” (CERVI e SANTOS, 2018, p. 13).

Para Freitas (2018) não é ético que a educação seja colocada a serviço dos interesses de um setor da sociedade, setor este que está disposto a controlar os conteúdos, métodos e finalidades da educação. Nessa perspectiva, ele relata a necessidade de uma qualidade social que espera uma educação voltada para formar lutadores e construtores de uma sociedade mais justa e coletiva. Pois, se estamos comprometidos com a democracia, todos os espaços escolares devem estar abertos para permitir esta vivência democrática.

Há fatores de grande importância que o neoliberalismo recusa em reconhecer no âmbito escolar, fatores estes que afetam as possibilidades formativas dos estudantes, como, por exemplo, a sua realidade de vida. A promoção humana dos nossos estudantes não pode continuar sendo planejada e medida por dimensões estreitas e restritas a uma aprendizagem de disciplinas básicas, tal qual é colocado pela BNCC, cuja função é orientar a elaboração de testes padronizados, punindo e premiando as escolas, os professores, e os alunos. (FREITAS, 2018).

Segundo Freitas (2018), tais políticas reduzem o conceito de educação ao de aprendizagem de Leitura e Matemática, induzindo as escolas a se concentrarem nessas disciplinas, esvaziando a ênfase nas disciplinas como: Artes, História, Filosofia, entre outras. Esse aspecto aponta para a discussão das finalidades educacionais e para a reflexão sobre conceitos mais amplos da educação.

Está se reproduzindo, nos sistemas educacionais, o mesmo conceito de sociedade que o neoliberalismo assume para seus propósitos elitistas: o darwinismo social, a lei do mais forte, em uma proposta orientada à empregabilidade competitiva. (Freitas, 2018).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Nayara Lança de; SOUZA, Tatiana Noronha de. (2019). **A REFORMA DO ENSINO MÉDIO (LEI 13.415/2017): O QUE PENSAM ALUNOS E PROFESSORES?** Notandum, ano 23, n. 52, jan./abr. 2020 CEMOrOC-Feusp / IJI-Univ. do Porto.

BEZERRA, H. L. L.; FARIAS, W. S. de. **Propaganda sobre a reforma da previdência do governo Michel Temer: a fabricação discursiva do consenso na campanha “você sabia?”**. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 8, n. 2, p. 18 - 37, maio/ago. 2019.

BRITO, Eliana Povoas Pereira Estrela. (2018). **A PRODUÇÃO DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO NOS DISCURSOS DO PROGRAMA “EDUCAÇÃO: NOVOS RUMOS”**. *Olhares: Revista Do Departamento De Educação Da Unifesp*, 6(1), 146-163. <https://doi.org/10.34024/olhares.2018.v6.730>

CERVI, G. M.; DOS SANTOS, A. I. **A REFORMA DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO COMO ESTRATÉGIA BIOPOLÍTICA DE GOVERNO**. *Revista Espaço do Currículo*, v. 12, n. 1, 2 mar. 2019.

COSTA, Marisa Vorraber. **Poder, discurso e política cultural**. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (Org.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002 – (Série cultura, memória e currículo, v. 25).

DIAS, Alba Valéria Bibiano. **RESISTÊNCIA SILENCIOSA: O NOVO ENSINO MÉDIO E A HISTÓRIA**. p. 37. In: BRISKIEVICZ, Danilo Arnaldo; STEIDEL, Rejane. (Org.). *O novo ensino médio: desafios e possibilidades*. 1. Ed – Curitiba: Appris, 2018.

EDUCAMAISBRASIL. Novo Ensino Médio: o que é importante saber. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/novo-ensino-medio-o-que-e-importante-saber>> Acesso em: 18 de junho de 2020.

FERREIRA, Paula. Em meio a corte de bolsas, entre 35 países, Brasil é um dos quatro com menor número de doutores. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/em-meio-corte-de-bolsas-entre-35-paises-brasil-um-dos-quatro-com-menor-numero-de-doutores-23936357>> Acesso em: 13 de abr.

FREITAS, Luis Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018

BRISKIEVICZ, Danilo Arnaldo. STEIDEL, Rejane. *O novo ensino médio: desafios e possibilidades*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. São Paulo *Perspec*. vol.14 no.2 São Paulo Apr./June 2000.

GLOBO.COM. PEC 241: tire dúvidas sobre a proposta que limita gastos públicos. Disponível em < <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/10/veja-perguntas-e-respostas-sobre-pec-que-limita-gastos-publicos.html> > Acesso em: 21 de Jul. de 2020.

MAGALHAES, Marcelo de Souza. **Apontamentos para pensar o ensino de História hoje: reformas curriculares, Ensino Médio e formação do professor.** Tempo [online]. 2006, vol.11, n.21, pp.49-64. ISSN 1413-7704. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042006000200005>. Acesso em: 05 mar. 2020

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Jovem, sabia que o #NovoEnsinoMédio vai deixar o aprendizado mais estimulante e compatível com a sua realidade? Você decide o seu futuro! Assista ao vídeo e saiba mais. Acesse em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Disponível em [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=1148873735160439&id=188209857893503?sfnsn=wiwspwa&d=w&vh=e&extid=4lvGinPwB33F2a7c&d=w&vh=e](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1148873735160439&id=188209857893503?sfnsn=wiwspwa&d=w&vh=e&extid=4lvGinPwB33F2a7c&d=w&vh=e) > Acesso em: 31 de abr. de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. O Novo Ensino Médio vai ser mais estimulante e compatível com a sua realidade!. 2017. Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=Qp0\\_kuVNsSk&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=Qp0_kuVNsSk&feature=youtu.be) > Acesso em: 06 de abr. de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. NOVO ENSINO MÉDIO 01. 2017. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ilszj0WWqfA&feature=youtu.be> > Acesso em: 12 de abril de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. NOVO ENSINO MÉDIO 02. 2017. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=4pb1nasqUtQ&feature=youtu.be> > Acesso em: 12 de abril de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Com o Novo Ensino Médio, você tem mais liberdade para escolher o que estudar. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kdERkLO3eTs&feature=youtu.be> > Acesso em: 12 de abril de 2020

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Com o Novo Ensino Médio você pode decidir o seu futuro!. 2017. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=bIFgyTLiv4Q&feature=youtu.be> > Acesso em: 13 de abril de 2020.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. **O ENSINO MÉDIO E AS COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS: BRASIL, INGLATERRA E FINLÂNDIA.** Educação e Sociedade; vol.38, n.139, pp.405-429. Jun. 2017.

OLIVEIRA, Glaunara M.; SOARES, Neiva M. M.. O novo Ensino Médio em publicidade do Governo Federal: **Análise discursivo-crítica e multimodal.** ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, [S.l.], n. 11, p. 58-77, nov. 2018. ISSN 2525-4529. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/1222>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PAIXÃO, Danyelle Alves da. Educação e Política: **Uma análise do Discurso Publicitário da Campanha Reforma do Ensino Médio**. In: COMUNICON2018: Congresso Internacional Comunicação e consumo, 6º Simpósio Internacional, 7º Encontro de GTS de Pós-Graduação, 3º Encontro de GTS de Graduação.2018, UFAL, Maceió, Alagoas.

PROTASIO, João Verani. (2019). **QUEM CONHECE APROVA? UMA ANÁLISE DAS PEÇAS PUBLICITÁRIAS DO “NOVO” ENSINO MÉDIO**. Revista *Perspectiva Sociológica*, nº 24, 2ª Sem. 2019, p. 90-96.

REVISTA EDUCAÇÃO. Escolas já devem começar a discutir novo ensino médio e fazer adaptações à nova lei, defende Sylvia Gouvêa. Disponível em < <https://revistaeducacao.com.br/2017/05/12/escolas-ja-devem-comecar-discutir-novo-ensino-medio-e-fazer-adaptacoes-nova-lei-defende-sylvia-gouvea/> > Acesso em: 13 de Abril de 2020

SANTOS, Amarildo Inácio dos. CERVI, Gicele Maria. **Conduzindo as condutas: o novo ensino médio, uma estratégia biopolítica de governo**. In: IV COLBEDUCA e II CIEE, 24 e 25 de Janeiro de 2018, Braga e Paredes de Coura, Portugal.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, ao meu bom Deus que com suas infinitas bênçãos me proporcionou a chegar aonde me encontro. Aos meus familiares, que de forma direta ou indiretamente me ajudaram a continuar no bom caminho. Em especial aos meus pais, Cícero e Karla, que batalharam bastante para ver sua filha formada, eles são minha base para tudo, tudo o que sou e espero ser devo a eles. Meu irmão Samuel, que me motivou a cursar história e me incentivou seguir no caminho ao qual me encontro. Saibam que vocês: mãe, pai e Samuel são tudo para mim e espero poder retribuir todo esse amor.

Meu grande amor Fernando, que está comigo lado a lado, meu companheiro de todas as horas, que me ajudou em meus momentos de anseios e alegrias, obrigada meu amor, por tudo, te amo!

Meus amigos que a Universidade me deu: Silmara, Renan, Lucas, Rafaele, Janile. Vocês foram mais que colegas, foram irmãos de verdade, Os laços afetivos que criamos durante esses quatro anos foram de grande valia. Obrigada por tudo, jamais os esquecerei.

Agradecer a todos os meus grandes professores e professoras, que me enriqueceram com seus conhecimentos, saio da universidade com uma saudade enorme de vocês e grata pelo acolhimento e afetos construídos durante esses quatro anos.

Em especial a minha orientadora tanto de TCC como de projeto, Dr<sup>a</sup> Mariângela Nunes, a qual tenho uma profunda admiração pela grande profissional e pela pessoa maravilhosa que é. Obrigada por despertar em mim um amor ainda maior pelo curso, meu sentimento por todos os seus ensinamentos é, gratidão.

A minha banca examinadora que fazem deste momento uma experiência inspiradora, pois seus comentários e avaliações enriquecem meu trabalho como também meu conhecimento, muito obrigada.